



## A VIOLÊNCIA COLONIAL NA OBRA DE FERNANDO DE CASTRO SOROMENHO

*COLONIAL VIOLENCE IN FERNANDO DE CASTO SOROMENHO'S WORK*

*VIOLENCIA COLONIAL EN LA OBRA DE FERNANDO DE CASTRO SOROMENHO*

Pedro Réquio<sup>1</sup>

### RESUMO:

Este ensaio tem como objetivo analisar a representação da violência na obra ficcional de Fernando de Castro Soromenho (1910-1968). Castro Soromenho foi um jornalista, escritor e opositor ao regime português do Estado Novo. Este autor, inspirado pelo neorrealismo, e assumindo-se enquanto escritor angolano, concebeu alguns romances passados no norte de Angola durante as décadas de 1930 e 1940. As obras *Terra Morta* (1949), e *Viragem* (1957), que providenciam as bases desta reflexão, funcionam como antevisão da eclosão da guerra colonial. Em ambas se denota uma preocupação em exibir a existência de contradições insanáveis entre o modo de vida dos colonos portugueses e dos povos autóctones. A violência, que assume diversas formas (exploração laboral, castigos corporais, repressão policial e militar) e se plasma através das mais elementares relações humanas, pauta o quotidiano e conduz a um clima de tensão permanente. Mais do que proceder a uma análise da narrativa destas obras, pretende-se interpretar a forma como a instrumentalização da violência, por parte dos povos subalternos, é legitimada politicamente pela visão de Castro Soromenho. Apesar de a obra de Soromenho já ter sido estudada a sua visão ainda não foi articulada com a legitimização das lutas dos movimentos independentistas e com o devir histórico da guerra colonial portuguesa. É esse o principal objetivo deste artigo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Colonialismo, Angola, Neorrealismo, Século XX, África.

---

<sup>1</sup> CES, Universidade de Coimbra. E-mail: [pedrorequio@hotmail.com](mailto:pedrorequio@hotmail.com)



**ABSTRACT:**

*This essay aims to analyze the representation of violence in the fictional work of Fernando de Castro Soromenho (1910-1968). Castro Soromenho was a journalist, writer, and opponent of the Portuguese Estado Novo regime. This author, inspired by neorealism and assuming his role as an Angolan writer, conceived some novels set in northern Angola during the 1930s and 1940s. The works Terra Morta (1949), and Viragem (1957), which provide the basis for this reflection, serve as a preview of the outbreak of the colonial war. In both, there is a concern to show the existence of irreconcilable contradictions between the Portuguese settlers' and the indigenous peoples' way of life. Violence, which takes various forms (labor exploitation, corporal punishment, police and military repression) and is formed through the most elementary human relations, guides daily life and leads to a climate of permanent tension. More than an analysis of the narrative of these works, the aim is to interpret how the instrumentalization of violence by subaltern peoples is politically legitimized by Castro Soromenho's vision. Although Soromenho's work has already been studied, his vision has not yet been articulated with the legitimization of the struggles of the independence movements and with the historical becoming of the Portuguese colonial war. That is the main objective of this article.*

**KEYWORDS:** Colonialism, Angola, Neo-realism, XXth Century, Africa.

**RESUMEN:**

*Este ensayo tiene como objetivo analizar la representación de la violencia en la obra de ficción de Fernando de Castro Soromenho (1910-1968). Castro Soromenho era periodista, escritor y opositor al régimen del Estado Novo portugués. Este autor, inspirado por el neorrealismo, y asumiendo la condición de escritor angoleño, concibió algunas novelas que tuvieron lugar en el norte de Angola durante los años 30 y 40. Las obras Terra Morta (1949) y Viragem (1957), que sirven de base para esta reflexión, sirven de adelanto del estallido de la guerra colonial. En ambos casos, se trata de demostrar la existencia de contradicciones irreconciliables entre el modo de vida de los colonos portugueses y los pueblos indígenas. La violencia, que adopta diversas formas (explotación laboral, castigos corporales, represión policial y militar) y se forma a través de las relaciones humanas más elementales, orienta la vida cotidiana y conduce a un clima de tensión permanente. Más que analizar la narrativa de estas obras, se trata de interpretar cómo la instrumentalización de la violencia por parte de los pueblos subalternos está legitimada políticamente por la visión de Castro Soromenho. Aunque la obra de Soromenho ya ha sido estudiada, su visión todavía no se ha articulado con la legitimación de las luchas de los movimientos independentistas y con el desarrollo histórico de la guerra colonial portuguesa. Ese es el objetivo principal del presente artículo.*

**PALABRAS-CLAVE:** Colonialismo, Angola, Neorrealismo, Siglo 20, África.

## **O conceito de violência e o colonialismo**

Através de *Terra Morta* e *Viragem*, Fernando de Castro Soromenho expõe o *modus vivendi* de colonos e colonizados em Angola durante a década de 1930 e 1940. O cenário apresentado é caracterizado por uma crueldade ubíqua, onde a violência assume diversas formas e marca presença em todas as relações humanas.

O conceito de violência é ambíguo, complexo, implica vários elementos e posições teóricas. Além disso, o termo parece estar relacionado com a força, o ímpeto, e o comportamento deliberado que produz danos físicos ou psíquicos. De um modo mais simples, a prática da violência expressa atos contrários à liberdade e à vontade de alguém. Ou seja, pode manifestar-se de diversas formas que não são diretamente físicas numa primeira instância. Uma ameaça ou a obrigatoriedade de obedecer a uma lei que submete o indivíduo a condições de desconforto e precariedade pode ser considerada uma forma de violência. Nesta lógica, o colonialismo é considerado um regime ontologicamente violento na medida em que força a população dominada a obedecer a uma lei exterior. Esta violência sistémica é enfatizada consideravelmente caso a população subjugada não se submeta às leis e normas instituídas, podendo mesmo conduzir à morte. Assim sendo a única forma de os povos colonizados se libertarem será também através do recurso à força física, pois “a descolonização é sempre um fenómeno violento” e representa “o encontro de duas forças congenitamente antagónicas” (FANON, 1961, p. 30-31). Todavia, até ao momento da independência, os colonizados estão subordinados à arbitrariedade dos colonos e consequentemente sujeitos à *necropolítica*.

O conceito de *necropolítica*, cunhado por Achille Mbembe para descrever práticas coloniais e pós-coloniais, é determinado enquanto a política da morte adaptada por um estado. Ela não é um episódio, não é um fenómeno que foge a uma regra. Ela é a regra. E Achille Mbembe elabora esse conceito à luz do estado de exceção, do estado de terror. (MBEMBE, 2016).

Ora, é justamente a *necropolítica*, na sua aceção de ditar quem vive e quem morre, e em que circunstâncias estas pessoas vivem e morrem, que melhor caracteriza o cenário de profunda desolação apresentado por Soromenho nos seus romances *Terra Morta* e *Viragem*.

## **A vida do autor e o neorealismo**

Fernando Monteiro Castro Soromenho nasce a 31 de janeiro de 1910 na vila do Chinde, na colónia de Moçambique. Filho de Artur Ernesto de Castro Soromenho e Stella Leça Monteiro de Castro Soromenho. O seu pai era administrador colonial. Apesar de nascido em Moçambique, Fernando iria, em conjunto com a família, para Angola. Onde irá passar os primeiros anos da sua vida até ser enviado pelos pais para estudar em Portugal. Regressa a Angola em 1925 e

dedica-se a explorar o país bem como a redigir relatórios etnográficos e contos sobre a vida nos sertanejos, que seriam compilados no seu primeiro livro, *Nhari* (1938). À época, a sua escrita inseria-se na estética da literatura colonial. Todavia, em 1936, renuncia à carreira administrativa, contra a vontade do seu pai, por incompatibilidades profissionais e ideológicas, acabando por voltar para Portugal em 1937 (MOURÃO, 1978).

Em 1945 conclui o livro *Terra Morta*, que, apesar de proibido em Portugal, sendo publicado no Brasil, marca o início da segunda fase literária do autor, aquela em que a influência do *neorrealismo* se denota. A respeito deste, Soromenho refere:

... depois de reviver [em Portugal] a minha vida de Angola, fazendo tábua rasa de ideias feitas e dando-me conta de erros de interpretação originados pelo clima social vivido desde a infância numa sociedade em formação, heterogênea pela sua própria natureza (...) Colocado, no tempo e no espaço, numa posição que possibilitou novas perspectivas, o homem e a sua vida, a terra e o meio social revelaram-se na sua forte autenticidade. (...) Desde que nos meus romances surgiram novas realidades sociais e se me apresentaram as suas contradições, logo se me impôs, naturalmente, uma nova técnica – e um novo estilo literário. O neo-realismo teria de ser o novo caminho (SOROMENHO *apud* MOURÃO, 1978, p. 70).

O *neorrealismo* português é um movimento artístico, que surge a partir da década de 1930 e bebe das teorias culturais de Bento Jesus Caraça, do naturalismo e de autores denominados *realistas* como Máximo Gorki ou Jorge Amado. A sua estética procura combater as tendências formalistas dos modernismos experimentais e abstratos, ao valorizar a interpretação da realidade presente como ponto de partida para a criação da obra de arte. Para os *neorrealistas* importa regressar à realidade material e colocar em primeiro plano a questão histórico-social, indissolúvelmente ligada ao determinismo histórico marxista. A arte, “fica assim dividida entre a tarefa de dar a conhecer a realidade, e a de criar situações que *prefigurem* ou *ilustrem* o próprio devir histórico.” (PITA, 2007, p. 15). A importância da estética não deve ser relegada para um papel subalterno, porque o “realismo literário envolve uma dialética em que o científico e o estético se conjugam em prol do último”, unidos numa frente comum que “rejeita o idealismo filosófico e artístico”. O realismo, assente numa interpretação materialista da realidade, representa a verdadeira finalidade estética da arte, independentemente dos trejeitos subjetivos que são inerentes à própria criação artística (SACRAMENTO, 1968, p. 30-34).

No caso de Castro Soromenho, a preocupação política principal não é tanto a instauração de uma sociedade socialista, mas antes o combate ao colonialismo europeu, em particular ao que conheceu pessoalmente, o português. Nas obras deste autor o devir histórico é representado pelo fim do domínio colonial português nos seus territórios africanos. Para tal efeito, Soromenho leva a cabo um retrato cru e incisivo dos trabalhos brutais, castigos corporais, processos de assimilação, perseguições e mortes levados a cabo pela administração colonial portuguesa. O

seu propósito é demonstrar que sob o domínio autocrático europeu os povos africanos estão sujeitos a um cotidiano marcado pela violência omnipresente e pela *necropolítica*.

### **A violência do dia a dia, os castigos corporais e a desolação do cenário**

Um dos pontos chave da visão do autor consiste na desmontagem dos pressupostos que constituem a visão idílica da construção e manutenção da sociedade colonial, que apresenta os portugueses enquanto “bons colonizadores” numa missão civilizadora.

O estatuto dos indígenas, consagrado no *Acto Colonial* de 1933, estabelecia uma diferenciação legal entre os portugueses europeus e as populações autóctones, permitindo que a aplicação de castigos corporais e torturas, bem como outras formas de racismo subtil, materializadas na discrepante diferença salarial e nos “entraves no acesso ao emprego e à promoção social” (CASTELO, 1998, p. 50). Se até à data os povos colonizados não tinham absolutamente nenhum direito civil com a introdução do estatuto passam a ser criados três grupos: indígenas, *assimilados* e brancos. Mesmo após a revogação deste estatuto em 1961, na altura em que o Estado Novo passou a aderir às teses luso-tropicalistas como forma de tentar aliviar as tensões existentes nos territórios coloniais, as práticas de tortura física persistiram, como notou Cláudia Castelo na sua obra *O modo português de estar no mundo* (CASTELO, 1998).

Tanto *Terra Morta* como *Viragem* apresentam um território inóspito, desértico, seco e repleto de carcaças de animais onde a vida se revela insuportável para brancos e negros. Para os brancos, o clima, os insetos, as doenças e o regresso dos fantasmas pessoais, para os negros, o trabalho forçado, os castigos corporais e a ameaça constante das autoridades e dos colonos. As senzalas, as casas coloniais degradadas, as relações entre os colonos, assimilados e indígenas, pautadas pelo desrespeito e a violência simbolizam o beco sem saída e a putrefação da simbologia colonial. Os quadros apresentados contrastam com as imagens da grande exposição do mundo colonial português, aqui nada evolui, apenas estagna ou apodrece.

Os portugueses são apresentados enquanto figuras deslocadas e inadaptadas ao contexto, deixando que as suas frustrações os levem a tratar os angolanos com requintes de brutalidade. Em *Terra Morta*, o personagem Francisco Bernardo, um maníaco sexual, aproveita a arbitrariedade instaurada para exercer violência sexual sobre jovens angolanas. As negras são apresentadas enquanto troféus para o homem branco. Gregório Antunes diz à mulher que se queixa da traição, que as “negras cheiram melhor que ela” e que as “pode comprar por um cobertor e uma quinta de sal” (SOROMENHO, 1961, p. 19).

A obra serve também como testemunho das condições laborais dos povos angolanos nas minas de diamantes, tendo em conta que incide sobre a contratação forçada de trabalhadores para as minas da Diamang, no norte de Angola. Aqueles que se recusassem ou tentassem

fugir, seriam exemplarmente castigados. De notar que a legislação portuguesa não era cumprida, apesar da ilegalização da escravatura em 1836, esta continuou a praticar-se até ao fim do colonialismo. E mesmo quando os trabalhadores eram remunerados as quantias eram extremamente reduzidas. De notar que em 1949 Fortunado de Almeida, da Repartição dos Negócios políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros se manifestou contra os abusos do trabalho indígena (OLIVEIRA, 2014, p. 58). Veja-se a forma como Soromenho descreve o trabalho indígena em *Terra Morta*: “Outros torciam-se com dores nas pernas e braços partidos debaixo de vagonetas (SOROMENHO, 1961, p. 57) “E aquilo era de sol a sol, picareta abaixo, picareta acima, ferindo-se no cascalho que lhes saltava em lascas para as pernas, lanhando-as como se fossem navalhas” (SOROMENHO, 1961, p. 60).

O personagem Alves de *Viragem* é retratado enquanto símbolo da autoridade branca em toda a sua crueldade e tiques de superioridade civilizacional. Vejamos a seguinte passagem:

Disse que o branco do governo é o pai dos pretos e acusou os negros ingratos para os brancos, que trouxeram às terras aquela civilização, acabando com as guerras entre as tribos, abrindo estradas e construindo pontes (...) Disse-lhes que as terras nada valiam quando os brancos da Companhia chegaram para lhes ensinar a cultivar o algodão, para que a terra pobre se tornasse rica. (SOROMENHO, 1957, p. 106)

Após este discurso de António Alves segue-se uma cena em que o funcionário colonial bate nas mãos de um africano acusado de roubar algodão para o vender. A crueldade da cena é descrita ao longo de várias páginas onde o sinistrado fica sem unhas e com a carne a pender das mãos. Alguns colonos brancos aprovam o castigo, outros ficam chocados. Quando conclui este processo, Alves afirma:

Esta canalha tem andado a abusar e era preciso, a bruta, por cobro a isto. Eles não sentem de outra maneira... O que lhes posso garantir é que depois disto acabam os roubos de algodão. E que diabo, não estamos aqui a tomar ares... estamos aqui para os civilizar. (SOROMENHO, 1957, p. 109-110)

Também Frantz Fanon, em *Os Condenados da Terra*, aludiu à necessidade dos colonos, e das estruturas coloniais, justificarem a sua presença e existência devido a uma missão civilizacional que se configura enquanto extensão da sua nação:

O colono faz a história e sabe que a faz. E como se refere constantemente à história da metrópole, indica com clareza que está aqui como prolongamento dessa metrópole. A história que escreve não é, pois, a história do país que ele despoja, mas a história da sua nação onde ele rouba, viola e espalha a fome. (FANON, 1961, p. 47)

Como contraponto às sequências que demonstram o despotismo dos colonos, Castro Soromenho apresenta, de igual modo, a reação dos povos colonizados. Em *Terra Morta*, o velho



soba Xá-Mucari, que abominava os “negros traidores”, representados pelos sipaios, corpos de autoridade colonial compostos por africanos, e que viveu a sua vida afastada das povoações onde moravam brancos. Apenas saía da sua aldeia uma vez por ano, quando ali se dirigia um funcionário que ia fazer o recenseamento para efeitos de pagamento de imposto. O soba acaba por matar um sipaio, e depois, devido ao medo de represálias, por se suicidar. De ter em conta, como referiu Susan de Oliveira, que:

a perda dos mais-velhos, significa para as culturas tradicionais a destruição da possibilidade da vida e a degradação profunda e cruel da subjetividade e da memória histórica que, nas culturas orais, é que fere os valores, os costumes e as demais práticas culturais. (OLIVEIRA, 2014, p. 60).

A caracterização do domínio de uma língua portuguesa *crioulizada*, falada pelos indígenas e assimilados, é parte da transformação identitária pela qual passa a sociedade angolana, na qual a língua materna do colonizado é absorvida de um modo quase total, sintomatizando uma mais vez a violência do processo colonial.

É, contudo, no final de *Terra Morta* que temos uma das sequências mais sonantes da obra de Soromenho. João Calado, um mulato, matou um sipaio que guardava a casa da administração, roubou o dinheiro dos impostos cobrados aos indígenas e incendiou a habitação de seguida. “Não come minhas coisas! Disse com rancor.” (SOROMENHO, 1961, p. 256). O povo da região protegeu-o das autoridades, dando-lhe fuga e apoiando a sua revolta. Após o sucedido, os colonos abandonam a povoação. Este desfecho parece funcionar como uma antevisão do fim do colonialismo português, em que, apenas através da insurreição violenta será possível por fim à opressão, expulsando as autoridades coloniais do território. Mais uma vez se encontra um padrão de consonância com o pensamento de Fanon, que postula que “o colono nunca deixa de ser o inimigo, o antagonista, precisamente o homem a eliminar.” (FANON, 1961, p. 46). A pergunta feita por Gayatri Spivak, “*Pode o subalterno falar?*”, aplicada a um contexto colonial, teria como resposta de Soromenho e Fanon, “*Não. O subalterno pode apenas lutar para pôr fim à opressão*”.

O retrato que Casto Soromenho faz do colonialismo encontra eco na teoria de Mbembe de *necropolítica*, na medida em que o colono branco espolia as riquezas do território para benefício próprio, submete a população a trabalho escravo ou mal pago, e, caso estes se recusem a participar, procede a atos de violência física extrema. O medo e a coação condenam os povos colonizados a um processo de sub-humanização.

## **O “não lugar” dos negros assimilados e da mestiçagem**

Alves de *Viragem* tem como ajudantes alguns negros assimilados pelo sistema colonial, os sipaios e capitas. Os sipaios são agentes da autoridade colonial que usam uniformes

e espingardas e por saberem um pouco de português são responsáveis por cobrar impostos e traduzir os diálogos entre os funcionários do estado português. Já os capitas, também são ajudantes dos brancos e ambicionam saber um pouco de português para subirem na hierarquia colonial. Atente-se à descrição do narrador: “E todos ambicionavam ser capitas e sipaios, porque não pagavam imposto indígena, não trabalhavam nas estradas e nos algodais e tinham direito a mandar e a usar chicote”. (SOROMENHO, 1957, p. 136).

O sipaio Tipoia é representativo da população que é colocada numa posição de não identidade, tendo em conta que por ter falhado numa tarefa é destituído por Alves do seu posto e castigado pelo seu colega Pedro Santo, que era capita e ambicionava tornar-se sipaio. Rejeitado pela comunidade a que pertencia por ser traidor e pelos portugueses, Tipoia fica isolado. Veja-se a passagem: “O soba cuspiu para a frente com esguicho e disse-lhe: “Sipaio sem espingarda é como macaco sem mão, não presta, não pode roubar” (SOROMENHO, 1957, p. 135), todos os indígenas se riem e Tipoia volta-lhes as costas e larga ameaças. Esta figura expõe a forma de tratamento dada aos *assimilados* pela administração colonial.

Numa posição de desconforto e de não lugar estão também os mestiços, como presente em *Terra Morta*. A mestiçagem é trabalhada enquanto categoria de exclusão do mestiço, figura herdeira de paradoxos e conflitos e também de relacionamentos que plasmam uma sociedade racializada. “Em face da lei, tu não tens pai nem mãe” (SOROMENHO, 1961, p. 195) diz o administrador colonial ao jovem João Calado, filho de uma angolana nativa e um colono branco que morreu. A falta de registo de nascimento e de documentos da propriedade em que moravam tornaram João e a sua mãe excluída de qualquer direito. É de salientar que a mestiçagem, enquanto posição de “não lugar” parece opor-se frontalmente ao discurso salazarista que a apresentava enquanto prova de que o *modo português de estar no mundo* construiria uma sociedade desprovida de diferenças raciais.

De facto, aquando da promulgação do *Acto Colonial* em 1933, a visão política e antropológica dominante em Portugal das relações entre brancos e negros determinava a mestiçagem enquanto uma prática não recomendável. No I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, realizado na cidade do Porto em 1934, miscigenação era considerada como essencialmente nefasta. Apesar de os estudos científicos apresentados não corroborarem a tese de uma inferioridade do mestiço, julgou-se inconveniente os contactos sexuais entre «raças» diferentes» (CASTELO, 1998, p. 111). Mendes Correia, antropólogo da Universidade do Porto, referiu como “exemplo a seguir pelo governo português, a política colonial de Itália relativamente à miscigenação. Pois a “atitude do fascismo perante a política de raças na África italiana era claramente hostil à hibridação, pois esta poderia “pôr em risco o prestígio da raça dominadora e prejudicar as suas possibilidades de desenvolvimento das terras conquistadas” (CASTELO, 1998, p. 113).

Já Eusébio Tamagnini, professor catedrático de Antropologia da Universidade de Coimbra e apoiante do Estado Novo e da sua política colonial referiu:



(...) É no seu aspeto social que o facto da mestiçagem reveste consequências mais graves. Os mestiços, não se adaptando a nenhum dos sistemas, são rejeitados por ambos. Este facto cria-lhes uma posição social infeliz. As consequências deste isolamento social, desta posição intermediária, são de tal ordem, que não podem deixar de abalar profundamente, em todos os momentos, o seu estado de alma. Rejeitando sistematicamente por todos, o mestiço vagueia como um pária sem esperanças de salvação possível. A mestiçagem, como muito bem nota Ernst Radenwaldt, é um risco para todas as sociedades humanas, desde a Família até ao Estado, um risco tomado sobre as gerações futuras. Como ninguém pode prever a sua impetração, deve desaconselhar-se (CASTELO, 1998, p. 111-112).

Aqui encontramos um ponto de encontro entre a visão de Eusébio Tamagnini e Fernando de Castro Soromenho, na medida em que ambos apresentam preocupações relativamente a posição social e ao “não lugar” ocupado pelos mestiços. As razões que estão na raiz do pensamento de cada um são, porém, drasticamente diferentes. Tamagnini preocupa-se, em primeiro lugar, com a manutenção e preservação do sistema colonial e por isso refere o risco da degradação da Família e do Estado. Valores basilares da ideologia do Estado Novo (vd. ROSAS, 1994). Para Tamagnini a mestiçagem seria um problema na medida em que permitira uma infiltração do mestiço nas estruturas administrativas coloniais, contribuindo assim para a sua degeneração e para um «choque civilizacional» dentro do aparelho do Estado. Por sua vez, Soromenho determina, que o “não lugar” da mestiçagem é provocado pela dualidade do mundo colonial que separa os colonos dos colonizados. É esta dualidade vincada, consequência da violência estrutural colonial, que coloca as populações miscigenadas numa posição de indefinição.

Também Frantz Fanon identifica determinadas características do sistema colonial que convergem com a realidade apresentada por Castro Soromenho em *Terra Morta e Viragem*. Para Fanon o mundo “colonizado é um mundo dividido em dois” (FANON, 1961, p. 33):

A zona habitada pelos colonizados não é complementar da zona habitada pelos colonos. Essas duas zonas opõem-se, mas não ao serviço de uma unidade superior. Regidas por uma lógica puramente aristotélica, obedecem ao princípio de exclusão recíproca: não há conciliação possível, um dos termos está a mais. A cidade do colono é uma cidade sólida, toda de pedra e ferro. É uma cidade iluminada, asfaltada, onde os caixotes do lixo estão sempre cheios de vestígios desconhecidos, nunca vistos, nem sonhados (...) A cidade do colonizado, a cidade indígena, a cidade negra, o bairro árabe, é um lugar de má fama, povoado por homens também de má fama. Ali, nasce-se em qualquer lado, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer parte e não se sabe nunca de quê. (FANON, 1961, p. 34)

Esta dualidade mutualmente excludente é apresentada por Castro Soromenho enquanto sintoma de uma sociedade desigual e demarcada por linhas inultrapassáveis. Pois encontrando-se a sociedade colonial dividida entre dois mundos aparentemente inconciliáveis os indivíduos que

são produto do contacto entre estes dois mundos são relegados para o patamar da inexistência. Recorde-se o que o administrador colonial diz ao filho de um colono e de uma angolana: “Em face da lei, tu não tens pai nem mãe” (SOROMENHO, 1961, p. 195); ou o que Antunes diz sobre o seu filho mestiço a Carlos Valadas em *Terra Morta*: “Se não fosse mulato já o tinha mandado vir. Mas mulatos, em África, você sabe, não levantam a cabeça.” (SOROMENHO, 1961, p. 253).

### **O desenraizamento do homem branco**

Um outro elemento que perpassa as duas obras de Castro Soromenho é o desenraizamento do homem branco, bem como o seu profundo e permanente descontentamento com o estado das coisas. Seja o clima, os animais, os lucros baixos ou as perdas. Em *Terra Morta*, que se passa após a queda do preço da borracha no mercado internacional e que leva à falência muitos comerciantes, é vulgar os personagens referirem que “agora as coisas estão mal” e que se “os pretos trabalhassem mais, as coisas estariam melhor” (SOROMENHO, 1961, p. 34).

Já em *Viragem* o calor, os mosquitos e qualquer adversidade é utilizada como desculpa para culpar aquele continente e o povo angolano. “Não tenha vergonha de estar doente. A África é a doença é a mesma coisa. Os brancos nunca deviam vir para cá.” Ou “Mortos somos todos nós, a apodrecer neste buraco do mundo.” Paulina em *Viragem* diz: “Se isto fosse como Luanda era melhor. Lá ao menos há cinema, avenidas e lojas” (SOROMENHO, 1957, p. 30-33). A Angola do romance *Viragem* é rica em elementos que caracterizam o processo de colonização tardio do interior, durante a década de 1930, que fez parte da política do Estado Novo após o lançamento do *Acto Colonial*.

As duas obras do autor criam um quadro que, para além de mostrar a decadência do colonialismo na época em que o *Império Colonial* é decretado (através do *Acto Colonial*), apresentam os colonos brancos enquanto iludidos pela ideia de que o em “África qualquer um fica rico”. Ao verem-se confrontados com a realidade, e conseqüentemente, frustrados, os colonos culpabilizam os angolanos por todos os males. Ou seja, a ideia do *Império Colonial* inculca no colono falsas ideias que, posteriormente, levam a um agravar das condições vida do indígena, já de si precárias, resultando na criação de contradições insanáveis e tornando o recurso à violência como a única forma de pôr fim ao controlo colonial português, como anteviu o desfecho do romance *Terra Morta*.

### **Nota final**

A linguagem estética, bem como o próprio desenvolvimento das narrativas, encontram-se assim subjogadas a um postulado teleológico que determina a necessidade de pôr término ao fim

do colonialismo através da luta armada. Neste sentido, encontramos mais uma vez a influência *neorrealista*. Mas que, no caso da obra de Soromenho, substitui o fim do capitalismo pelo fim do colonialismo, como foi notado anteriormente.

Em ambos os casos, todavia, quer seja através da necessidade de construir o socialismo ou uma nova sociedade africana, livre do jugo colonial, a criação artística configura-se enquanto manifesto político. A obra de Fernando de Castro Soromenho surpreende não só pelos inúmeros paralelos que permite estabelecer com a leitura que Frantz Fanon, e alguns teóricos pós-coloniais, como Achille Mbembe, fazem do colonialismo europeu, mas principalmente pela forma como o autor se posicionou ao lado dos povos colonizados, alguns anos antes das oposições ao Estado Novo.

De facto, foi só a partir do final da década de 1950, que as oposições à ditadura Salazarista se mostraram favoráveis à independência dos povos colonizados. A primeira organização a fazê-lo, de modo perentório, foi o Partido Comunista Português, através da sua resolução política de 1957. Sendo depois seguido por outras organizações e figuras políticas, como Humberto Delgado, ao longo da década seguinte, durante a Guerra Colonial Portuguesa (1961-1974) (vd. ROSAS, 2015). Importa mencionar que no decurso das décadas de 1940 e 1950, nas quais foram escritas as duas obras de Castro Soromenho, o pensamento político, bem como a historiografia e outras áreas do conhecimento ainda eram, em Portugal, amplamente dominadas por uma mundivisão favorável ao colonialismo.

Fernando de Castro Soromenho, sendo filho de um administrador colonial e tendo ele próprio exercido funções em cargos análogos, baseou-se na sua experiência pessoal para criar obras literárias que, em boa medida, como o comprova a redação de *Terra Morta*, em 1945, antecipam os alinhamentos anticoloniais das oposições portuguesas à ditadura do Estado Novo por mais de uma década.

Torna-se assim inegável o valor histórico da obra de Castro Soromenho, no que respeita à criação de um testemunho vívido de um contexto político e social específico, tornando assim visíveis algumas das semelhanças ontológicas entre a produção literária e a construção histórica (CASANOVA, 2004/2005). Através destas duas obras o autor leva a cabo uma reflexão crítica acerca da violência sistémica e da segregação racial provocada pelo colonialismo português em África numa época em que estas questões eram ainda alheias a grande parte do pensamento político nacional.

### **Referências:**

CASANOVA, Pierre. Littérature et Histoire: Interpréter L'Interprète in **Revue d'Histoire Moderne & Contemporaine**, Belin. pp.43-47. 2004/2005

CASTELO, Cláudia. **O Modo Português de Estar no Mundo: O Luso-Tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961)**. Lisboa: Editora Afrontamento, 1998.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Lisboa: Ulisseia, 1961.

MBEMBE, Achille. Necropolítica, **Arte e Ensaio**: Universidade Federal do Rio de Janeiro, vol. 1, nº 32, p. 123-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>.

MOURÃO, Fernando. **A Sociedade Angolana Através da Literatura**. Editora Ática, 1978.

OLIVEIRA, Ana Rita Velda Oliveira. Terra Morta: Um Contributo para a História do Trabalho colonial, **Utiletras**: Universidade da Beira Interior nº 4, p. 53-62, 2014. Disponível em: <http://ubiletras.ubi.pt/wp-content/uploads/ubiletras04/oliveira-ana-rita-contributo-trabalho-colonial.pdf>.

PEICY, Carlos. O Romance *Viragem* e a Desmistificação da Propaganda de África do Estado Novo Português, **Revista África e Africanidades**, Ano 2, 2009, Agosto de 2009. Disponível em: [https://africaeafricanidades.net/documentos/O\\_Romance\\_Viragem.pdf](https://africaeafricanidades.net/documentos/O_Romance_Viragem.pdf).

PITA, António. **Nova síntese**: textos e contextos do neo-realismo. Volume 1. Porto: Campo da Letras, 2006.

ROSAS, Fernando. **Portugal e o Estado Novo – Nova História de Portugal Volume XII**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

ROSAS, Fernando. O anticolonialismo tardio do antifascismo português. In Mário Machaqueiro, Pedro Aires Oliveira e Fernando Rosas (orgs.), **O Adeus ao Império. 40 anos de descolonização portuguesa**. Lisboa: Veja. p. 13-24. 2015.

SACRAMENTO, Mário. **Há uma estética neo-realista?** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1968.

SPIVAK, Gayatri. **Can the subaltern speak?** New York: Columbia University Press, 2010.

SOROMENHO, Castro. **Terra Morta**: romance. Lisboa: Editora Arcádia, 1961.

SOROMENHO, Castro. **Viragem**. Lisboa, 1957.